

## SANTÍSSIMA TRINDADE

### CIC 202, 232-260, 684, 732: o mistério da Trindade

- 202** O próprio Jesus confirma que Deus é «o único Senhor», e que é necessário amá-Lo «com todo o coração, com toda a alma, com todo o entendimento e com todas as forças»<sup>1</sup>. Ao mesmo tempo, dá a entender que Ele próprio é «o Senhor»<sup>2</sup>. Confessar que «Jesus é o Senhor» é próprio da fé cristã. Isso não vai contra a fé num Deus Único. Do mesmo modo, crer no Espírito Santo, «que é Senhor e dá a Vida», não introduz qualquer espécie de divisão no Deus único:  
«Nós acreditamos com firmeza e afirmamos simplesmente que há um só Deus verdadeiro, imenso e imutável, incompreensível, todo-poderoso e inefável, Pai e Filho e Espírito Santo: três Pessoas, mas uma só essência, uma só substância ou natureza absolutamente simples»<sup>3</sup>.
- 232** Os cristãos são batizados «em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19). Antes disso, eles respondem «Creio» à tríplice pergunta com que são interpelados a confessar a sua fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo: «*Fides omnium christianorum in Trinitate consistit – A fé de todos os cristãos assenta na Trindade*»<sup>4</sup>.
- 233** Os cristãos são batizados «em nome» do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e não «nos nomes» deles<sup>5</sup>, porque não há senão um só Deus – o Pai Omnipotente, o Seu Filho Unigénito e o Espírito Santo: a Santíssima Trindade.
- 234** O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. É, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé e a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na «hierarquia das verdades da fé»<sup>6</sup>. «Toda a história da salvação não é senão a história do caminho e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, Se revela, reconcilia consigo e Se une aos homens que se afastam do pecado»<sup>7</sup>.
- 235** Neste parágrafo se exporá brevemente de que maneira foi revelado o mistério da Santíssima Trindade (I), como é que a Igreja formulou a doutrina da fé sobre este mistério (II) e, por fim, como é que, pelas missões divinas do Filho e do

<sup>1</sup> Cf. Mc 12, 29-30.

<sup>2</sup> Cf. Mc 12, 35-37.

<sup>3</sup> IV CONCÍLIO DE LATRÃO, Cap. 1, *De fide catholica*: DS 800.

<sup>4</sup> SÃO CESÁRIO DE ARLES, *Expositio vel traditio Symboli* (sermo 9): CCL 103, 47.

<sup>5</sup> Cf. VIGÍLIO, *Professio fidei* (522): DS 415.

<sup>6</sup> Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directorium catechisticum generale*, 43: AAS 64 (1972) 123.

<sup>7</sup> *Ibid.*, 47.

Espírito Santo, Deus Pai realiza o seu «desígnio de benevolência» de criação, redenção e santificação (III).

- 236** Os Padres da Igreja distinguem entre «Theologia» e «Oikonomia», designando pelo primeiro termo o mistério da vida íntima de Deus-Trindade e, pelo segundo, todas as obras de Deus pelas quais Ele Se revela e comunica a sua vida. É pela «Oikonomia» que nos é revelada a «Theologia»; mas, inversamente, é a «Theologia» que esclarece toda a «Oikonomia». As obras de Deus revelam quem Ele é em Si mesmo; e, inversamente, o mistério do seu Ser íntimo ilumina o entendimento de todas as suas obras. Analogicamente, é o que se passa com as pessoas humanas. A pessoa revela-se no que faz, e, quanto mais conhecemos uma pessoa, tanto melhor compreendemos o seu agir.
- 237** A Trindade é um mistério de fé em sentido estrito, um dos «mistérios ocultos em Deus, que não podem ser conhecidos se não forem revelados lá do alto»<sup>8</sup>. É verdade que Deus deixou traços do seu Ser trinitário na obra da criação e na sua revelação ao longo do Antigo Testamento. Mas a intimidade do seu Ser como Trindade Santíssima constitui um mistério inacessível à razão sozinha e, mesmo, à fé de Israel antes da Encarnação do Filho de Deus e da missão do Espírito Santo.
- 238** A invocação de Deus como «Pai» é conhecida em muitas religiões. A divindade é muitas vezes considerada como «pai dos deuses e dos homens». Em Israel, Deus é chamado Pai enquanto criador do mundo<sup>9</sup>. Mais ainda, Deus é Pai em razão da Aliança e do dom da Lei a Israel, seu «filho primogénito» (*Ex* 4, 22). Também é chamado Pai do rei de Israel<sup>10</sup>. E é muito especialmente «o Pai dos pobres», do órfão e da viúva, entregues à sua protecção amorosa<sup>11</sup>.
- 239** Ao designar Deus com o nome de «Pai», a linguagem da fé indica principalmente dois aspectos: que Deus é a origem primeira de tudo e a autoridade transcendente, e, ao mesmo tempo, que é bondade e solicitude amorosa para com todos os seus filhos. Esta ternura paternal de Deus também pode ser expressa pela imagem da maternidade<sup>12</sup>, que indica melhor a imanência de Deus, a intimidade entre Deus e a sua criatura. A linguagem da fé vai, assim, haurir na experiência humana dos progenitores, que são, de certo modo, os primeiros representantes de Deus para o homem. Mas esta experiência diz também que os progenitores humanos são falíveis e podem desfigurar a face da paternidade e da maternidade. Convém, então, lembrar que Deus transcende a distinção humana dos sexos. Não é homem nem mulher: é Deus. Transcende também a paternidade e a maternidade humanas<sup>13</sup>, sem deixar de ser de ambas a origem e a medida<sup>14</sup>: ninguém é pai como Deus.

<sup>8</sup> I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 4: DS 3015.

<sup>9</sup> Cf. *Dt* 32, 6; *Ml* 2, 10.

<sup>10</sup> Cf. *2 Sm* 7, 14.

<sup>11</sup> Cf. *Sl* 68, 6.

<sup>12</sup> Cf. *Is* 66, 13; *Sl* 131, 2.

<sup>13</sup> Cf. *Sl* 27, 10.

<sup>14</sup> Cf. *Ef* 3, 14-15; *Is* 49, 15.

- 240** Jesus revelou que Deus é «Pai» num sentido inédito: não o é somente enquanto Criador: é Pai eternamente em relação ao seu Filho único, o qual, eternamente, só é Filho em relação ao Pai: «Ninguém conhece o Filho senão o Pai, nem ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar» (*Mt* 11, 27).
- 241** É por isso que os Apóstolos confessam que Jesus é «o Verbo [que] estava [no princípio] junto de Deus» e que é Deus (*Jo* 1, 1), «a imagem do Deus invisível» (*Cl* 1, 15), «o resplendor da sua glória e a imagem da sua substância» (*Heb* 1, 3).
- 242** Na esteira deles, seguindo a tradição apostólica, no primeiro concílio ecuménico de Niceia, em 325, a Igreja confessou que o Filho é «consustancial» ao Pai<sup>15</sup>, quer dizer, um só Deus com Ele. O segundo concílio ecuménico, reunido em Constantinopla em 381, conservou esta expressão na sua formulação do Credo de Niceia e confessou «o Filho unigénito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consustancial ao Pai»<sup>16</sup>.
- 243** Antes da sua Páscoa, Jesus anuncia o envio de um «outro Paráclito» (Defensor), o Espírito Santo. Agindo desde a criação<sup>17</sup> e tendo outrora «falado pelos profetas»<sup>18</sup>, o Espírito Santo estará agora junto dos discípulos, e neles<sup>19</sup>, para os ensinar<sup>20</sup> e os guiar «para a verdade total» (*Jo* 16, 13). E, assim, o Espírito Santo é revelado como uma outra pessoa divina, em relação a Jesus e ao Pai.
- 244** A origem eterna do Espírito revela-se na sua missão temporal. O Espírito Santo é enviado aos Apóstolos e à Igreja, tanto pelo Pai, em nome do Filho, como pessoalmente pelo Filho, depois do seu regresso ao Pai<sup>21</sup>. O envio da pessoa do Espírito, após a glorificação de Jesus<sup>22</sup>, revela em plenitude o mistério da Santíssima Trindade.
- 245** A fé apostólica relativamente ao Espírito foi confessada pelo segundo concílio ecuménico, reunido em Constantinopla em 381: «Nós acreditamos no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai»<sup>23</sup>. A Igreja reconhece assim o Pai como «a fonte e a origem de toda a Divindade»<sup>24</sup>. Mas a origem eterna do Espírito Santo não está desligada da do Filho: «O Espírito Santo, que é a terceira pessoa da Trindade, é Deus, uno e igual ao Pai e ao Filho, da mesma substância e também da mesma natureza... Contudo, não dizemos que Ele é somente o Espírito do Pai, mas, ao mesmo tempo, o Espírito do Pai e do Filho»<sup>25</sup>. O Credo

<sup>15</sup> *Símbolo de Niceia*: DS 125.

<sup>16</sup> *Símbolo Niceno-Constantinopolitano*: DS 150.

<sup>17</sup> Cf. *Gn* 1, 2.

<sup>18</sup> *Símbolo Niceno-Constantinopolitano*: DS 150.

<sup>19</sup> Cf. *Jo* 14, 17.

<sup>20</sup> Cf. *Jo* 14, 26.

<sup>21</sup> Cf. *Jo* 14, 26; 15, 26; 16, 14.

<sup>22</sup> Cf. *Jo* 7, 39.

<sup>23</sup> *Símbolo Niceno-Constantinopolitano*: DS 150.

<sup>24</sup> VI CONCÍLIO DE TOLEDO (em 638), *De Trinitate et de Filio Dei Redemptore incarnato*: DS 490.

<sup>25</sup> XI CONCÍLIO DE TOLEDO (em 675), *Symbolum*: DS 527.

do Concílio de Constantinopla da Igreja confessa que Ele, «com o Pai e o Filho, é adorado e glorificado»<sup>26</sup>.

- 246** A tradição latina do Credo confessa que o Espírito «procede do Pai e do Filho (Filioque)». O Concílio de Florença, em 1438, explicita: «O Espírito Santo recebe a sua essência e o seu ser ao mesmo tempo do Pai e do Filho, e procede eternamente de um e do outro como dum só Princípio e por uma só espiração... E porque tudo o que é do Pai, o próprio Pai o deu ao seu Filho Único, gerando-O, com excepção do seu ser Pai, esta mesma procedência do Espírito Santo, a partir do Filho, Ele a tem eternamente do seu Pai, que eternamente O gerou»<sup>27</sup>.
- 247** A afirmação do *Filioque* não figurava no Símbolo de Constantinopla de 381. Mas, com base numa antiga tradição latina e alexandrina, o Papa São Leão já a tinha confessado dogmaticamente em 447<sup>28</sup>, mesmo antes de Roma ter conhecido e recebido o Símbolo de 381 no Concílio de Calcedónia, em 451. O uso desta fórmula no Credo foi sendo, pouco a pouco, admitido na liturgia latina (entre os séculos VIII e XI). A introdução do *Filioque* no Símbolo Niceno-Constantinopolitano pela liturgia latina constitui, ainda hoje, no entanto, um diferendo com as igrejas ortodoxas.
- 248** A tradição oriental exprime, antes de mais, o carácter de origem primeira do Pai em relação ao Espírito. Ao confessar o Espírito como «saído do Pai» (*Jo* 15, 26), afirma que Ele *procede* do Pai *pelo* Filho<sup>29</sup>. A tradição ocidental exprime, sobretudo, a comunhão consubstancial entre o Pai e o Filho, ao dizer que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho (*Filioque*). E di-lo «de maneira legítima e razoável»<sup>30</sup>, porque a ordem eterna das pessoas divinas na sua comunhão consubstancial implica que o Pai seja a origem primeira do Espírito, enquanto «princípio sem princípio»<sup>31</sup>, mas também que, enquanto Pai do Filho Único, seja com Ele «o princípio único de que procede o Espírito Santo»<sup>32</sup>. Esta legítima complementaridade, se não for exagerada, não afecta a identidade da fé na realidade do mesmo mistério confessado.
- 249** A verdade revelada da Santíssima Trindade esteve, desde a origem, na raiz da fé viva da Igreja, principalmente por meio do Baptismo. Encontra a sua expressão na regra da fé baptismal, formulada na pregação, na catequese e na oração da Igreja. Tais formulações encontram-se já nos escritos apostólicos, como o comprova esta saudação retomada na liturgia eucarística: «A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós» (2 *Cor* 13, 13)<sup>33</sup>.
- 250** No decurso dos primeiros séculos, a Igreja preocupou-se com formular mais explicitamente a sua fé trinitária, tanto para aprofundar a sua própria inteligência da fé, como para a defender contra os erros que a deformavam. Foi esse o trabalho dos primeiros concílios, ajudados pelo trabalho teológico dos Padres da Igreja e sustentados pelo sentido da fé do povo cristão.

<sup>26</sup> *Símbolo Niceno-Constantinopolitano*: DS 150.

<sup>27</sup> CONCÍLIO DE FLORENÇA, *Decretum pro Graecis*: DS 1300-1301.

<sup>28</sup> Cf. SÃO LEÃO MAGNO, Ep *Quam laudabiliter*: DS 284.

<sup>29</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*: AAS 58 (1966) 948.

<sup>30</sup> CONCÍLIO DE FLORENÇA, *Decretum pro Graecis* (ano 1439): DS 1302.

<sup>31</sup> CONCÍLIO DE FLORENÇA, *Decretum pro Iacobitis* (ano 1442): DS 1331.

<sup>32</sup> II CONCÍLIO DE LIÃO, *Constitutio de Summa Trinitate et fide catholica* (ano 1274): DS 850.

<sup>33</sup> Cf. 1 *Cor* 12, 4-6; *Ef* 4, 4-6.

- 251 Para a formulação do dogma da Trindade, a Igreja teve de elaborar uma terminologia própria, com a ajuda de noções de origem filosófica: «substância», «pessoa» ou «hipóstase», «relação», etc. Ao fazer isto, a Igreja não sujeitou a fé a uma sabedoria humana, mas deu um sentido novo, inédito, a estes termos, chamados a exprimir também, desde então, um mistério inefável, «transcendendo infinitamente tudo quanto podemos conceber a nível humano»<sup>34</sup>.
- 252 A Igreja utiliza o termo «substância» (às vezes também traduzido por «essência» ou «natureza») para designar o ser divino na sua unidade; o termo «pessoa» ou «hipóstase» para designar o Pai, o Filho e o Espírito Santo na distinção real entre Si; e o termo «relação» para designar o facto de que a sua distinção reside na referência recíproca de uns aos outros.
- 253 *A Trindade é una.* Nós não confessamos três deuses, mas um só Deus em três pessoas: «a Trindade consubstancial»<sup>35</sup>. As pessoas divinas não dividem entre Si a divindade única; cada uma delas é Deus por inteiro: «O Pai é aquilo mesmo que o Filho, o Filho aquilo mesmo que o Pai, o Pai e o Filho aquilo mesmo que o Espírito Santo, ou seja, um único Deus por natureza»<sup>36</sup>. «Cada uma das três pessoas é esta realidade, quer dizer, a substância, a essência ou a natureza divina»<sup>37</sup>.
- 254 *As pessoas divinas são realmente distintas entre Si.* «Deus é um só, mas não solitário»<sup>38</sup>. «Pai», «Filho», «Espírito Santo» não são meros nomes que designam modalidades do ser divino, porque são realmente distintos entre Si. «Aquele que é o Filho não é o Pai e Aquele que é o Pai não é o Filho, nem o Espírito Santo é Aquele que é o Pai ou o Filho»<sup>39</sup>. São distintos entre Si pelas suas relações de origem: «O Pai gera, o Filho é gerado, o Espírito Santo procede»<sup>40</sup>. *A unidade divina é trina.*
- 255 *As pessoas divinas são relativas umas às outras.* Uma vez que não divide a unidade divina, a distinção real das pessoas entre Si reside unicamente nas relações que as referenciam umas às outras: «Nos nomes relativos das pessoas, o Pai é referido ao Filho, o Filho ao Pai, o Espírito Santo a ambos. Quando falamos destas três pessoas, considerando as relações respectivas, cremos, todavia, numa só natureza ou substância»<sup>41</sup>. Com efeito, «n’Eles tudo é um, onde não há a oposição da relação»<sup>42</sup>. «Por causa desta unidade, o Pai está todo no Filho e todo no Espírito Santo; o Filho está todo no Pai e todo no Espírito Santo; o Espírito Santo está todo no Pai e todo no Filho»<sup>43</sup>.

<sup>34</sup> PAULO VI, *Sollemnis Professio fidei*, 9: AAS 60 (1968) 437.

<sup>35</sup> II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA (ano 553), *Anathematismi de tribus Capitulis*, 1: DS 421.

<sup>36</sup> XI CONCÍLIO DE TOLEDO (ano 675), *Symbolum*: DS 530.

<sup>37</sup> IV CONCÍLIO DE LATRÃO (ano 1215), Cap. 2, *De errore abbatis Ioachim*: DS 804.

<sup>38</sup> *Fides Damasi*: DS 71.

<sup>39</sup> XI CONCÍLIO DE TOLEDO (ano 675), *Symbolum*: DS 530.

<sup>40</sup> IV CONCÍLIO DE LATRÃO (ano 1215), Cap. 2, *De errore abbatis Ioachim*: DS 804.

<sup>41</sup> XI CONCÍLIO DE TOLEDO (ano 675), *Symbolum*: DS 528.

<sup>42</sup> CONCÍLIO DE FLORENÇA, *Decretum pro Iacobitis* (ano 1442): DS 1330.

<sup>43</sup> CONCÍLIO DE FLORENÇA, *Decretum pro Iacobitis* (ano 1442): DS 1331.

**256** São Gregório de Nazianzo, também chamado «o Teólogo», confia aos catecúmenos de Constantinopla o seguinte resumo da fé trinitária:

«Antes de mais nada, guardai-me este bom depósito, pelo qual vivo e combato, com o qual quero morrer, que me dá coragem para suportar todos os males e desprezar todos os prazeres: refiro-me à profissão de fé no Pai e no Filho e no Espírito Santo. Eu vo-la confio hoje. É por ela que, daqui a instantes, eu vou mergulhar-vos na água e dela fazer-vos sair. Eu vo-la dou por companheira e protectora de toda a vossa vida. Dou-vos uma só Divindade e Potência, uma nos Três e abrangendo os Três de maneira distinta. Divindade sem diferença de substância ou natureza, sem grau superior que eleve nem grau inferior que abaixe... É de três infinitos a infinita conaturalidade. Deus integralmente, cada um considerado em Si mesmo... Deus, os Três considerados juntamente... Assim que comecei a pensar na Unidade logo me encontrei envolvido no esplendor da Trindade. Mal começo a pensar na Trindade, logo à Unidade sou reconduzido»<sup>44</sup>.

**257** «O lux beata Trinitas et principalis Unitas! – Ó Trindade, Luz ditosa, ó primordial Unidade!»<sup>45</sup>. Deus é eterna bem-aventurança, vida imortal, luz sem ocaso. Deus é amor: Pai, Filho e Espírito Santo. Livremente, Deus quer comunicar a glória da sua vida bem-aventurada. Tal é o «mistério da sua vontade» (*Ef* 1, 9) que Ele concebeu antes da criação do mundo em seu Filho muito-amado, uma vez que nos «destinou de antemão a que nos tornássemos seus filhos adoptivos por Jesus Cristo» (*Ef* 1, 4-5), quer dizer, a sermos «conformes à imagem do seu Filho» (*Rm* 8, 29), graças ao «Espírito que faz de vós filhos adoptivos» (*Rm* 8, 15). Este desígnio é uma «graça que nos foi dada [...] desde toda a eternidade» (*2 Tm* 1, 9-10), a qual procede imediatamente do amor trinitário. E este amor manifesta-se na obra da criação, em toda a história da salvação depois da queda, e nas missões do Filho e do Espírito, continuadas pela missão da Igreja<sup>46</sup>.

**258** Toda a economia divina é obra comum das três pessoas divinas. Assim como não tem senão uma e a mesma natureza, a Trindade não tem senão uma e a mesma operação<sup>47</sup>. «O Pai, o Filho e o Espírito Santo não são três princípios das criaturas, mas um só princípio»<sup>48</sup>. No entanto, cada pessoa divina realiza a obra comum segundo a sua propriedade pessoal. É assim que a Igreja confessa, na sequência do Novo Testamento<sup>49</sup>, «um só Deus e Pai, de Quem são todas as coisas; um só Senhor Jesus Cristo, para Quem são todas as coisas; e um só Espírito Santo, em Quem são todas as coisas»<sup>50</sup>. São sobretudo as missões divinas da Encarnação do Filho e do dom do Espírito Santo que manifestam as propriedades das pessoas divinas.

**259** Obra ao mesmo tempo comum e pessoal, toda a economia divina faz conhecer não só a propriedade das pessoas divinas, mas também a sua única natureza. Por isso, toda a vida cristã é comunhão com cada uma das pessoas divinas, sem

<sup>44</sup> SÃO GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Oratio* 40, 41: SC 358, 292-294 (PG 36, 417).

<sup>45</sup> *Hino das II Vésperas de Domingo*, nas semanas 2 e 4: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 3 (Typis Polyglottis Vaticanis Polyglottis Vaticanis 1974) p. 632 e 879 [Este hino está traduzido na ed. portuguesa: *Liturgia das Horas* (Gráfica de Coimbra 1983), v. 3, p. 86 e v. 4, p. 86].

<sup>46</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 2-9: AAS 58 (1966) 948-958.

<sup>47</sup> II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA (ano 553), *Anathematismi de tribus Capitulis*, 1: DS 421.

<sup>48</sup> CONCÍLIO DE FLORENÇA, *Decretum pro Iacobitis* (ano 1442): DS 1331.

<sup>49</sup> Cf. *1 Cor* 8, 6.

<sup>50</sup> II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA (ano 553), *Anathematismi de tribus Capitulis*, 1: DS 421.

de modo algum as separar. Todo aquele que dá glória ao Pai, fá-lo pelo Filho no Espírito Santo; todo aquele que segue Cristo, fá-lo porque o Pai o atrai<sup>51</sup> e o Espírito o move<sup>52</sup>.

**260** O fim último de toda a economia divina é o acesso das criaturas à unidade perfeita da bem-aventurada Trindade<sup>53</sup>. Mas já desde agora nós somos chamados a ser habitados pela Santíssima Trindade: «Quem me tem amor, diz o Senhor, porá em prática as minhas palavras. Meu Pai amá-lo-á; Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada» (Jo 14, 23):

«Ó meu Deus, Trindade que eu adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente de mim, para me estabelecer em Vós, imóvel e pacífica como se já a minha alma estivesse na eternidade. Que nada possa perturbar a minha paz, nem fazer-me sair de Vós, ó meu Imutável, mas que cada minuto me leve mais longe na profundidade do vosso mistério. Pacificai a minha alma, fazei dela o vosso céu, vossa morada querida e o lugar do vosso repouso. Que nunca aí eu Vos deixe só, mas que esteja lá inteiramente, toda desperta na minha fé, toda em adoração, toda entregue à vossa acção criadora»<sup>54</sup>.

**684** O Espírito Santo, pela sua graça, é o primeiro no despertar da nossa fé e na vida nova que consiste em conhecer o Pai e Aquele que Ele enviou, Jesus Cristo<sup>55</sup>. No entanto, Ele é o último na revelação das Pessoas da Santíssima Trindade. São Gregório de Nazianzo, «o Teólogo», explica esta progressão pela pedagogia da «condescendência» divina:

«O Antigo Testamento proclamava manifestamente o Pai e mais obscuramente o Filho. O Novo manifestou o Filho e fez entrever a divindade do Espírito. Agora, o Espírito tem entre nós direito de cidadania e concede-nos uma visão mais clara de Si próprio. Com efeito, quando ainda não se confessava a divindade do Pai, não era prudente proclamar abertamente o Filho; e quando a divindade do Filho ainda não era admitida, não era prudente acrescentar o Espírito Santo como um fardo suplementar, para empregar uma expressão um tanto ousada... É por avanços e progressões “de glória em glória” que a luz da Trindade brilhará em mais esplendorosas claridades»<sup>56</sup>.

**732** Neste dia, revelou-Se plenamente a Santíssima Trindade. A partir deste dia, o Reino anunciado por Cristo abre-se aos que n’Ele crêem. Na humildade da carne e na fé, eles participam já na comunhão da Santíssima Trindade. Pela sua vinda, que não cessará jamais, o Espírito Santo faz entrar o mundo nos «últimos tempos», no tempo da Igreja, no Reino já herdado mas ainda não consumado:

«Nós vimos a verdadeira Luz, recebemos o Espírito celeste, encontrámos a verdadeira fé: adoramos a Trindade indivisível, porque foi Ela que nos salvou»<sup>57</sup>.

<sup>51</sup> Cf. Jo 6, 44.

<sup>52</sup> Cf. Rm 8, 14.

<sup>53</sup> Cf. Jo 17, 21-23.

<sup>54</sup> BEATA ISABEL DA TRINDADE, *Élévation à la Trinité: Écrits spirituels*, 50, ed. M. M. PHILIPON (Paris 1949), p. 80 [*Escritos espirituais*, Oeiras, Edições Carmelo 1989, p. 327].

<sup>55</sup> Cf. Jo 17, 3.

<sup>56</sup> SÃO GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Oratio* 31 (Theologica 5), 26: SC 250, 326 (PG 36, 161-164).

<sup>57</sup> Liturgia bizantina, *Ofício das Horas, Vésperas de Pentecostes, Sticherum 4: Pentekostárion* (Romae 1884) p. 390.

- 249** A verdade revelada da Santíssima Trindade esteve, desde a origem, na raiz da fé viva da Igreja, principalmente por meio do Baptismo. Encontra a sua expressão na regra da fé baptismal, formulada na pregação, na catequese e na oração da Igreja. Tais formulações encontram-se já nos escritos apostólicos, como o comprova esta saudação retomada na liturgia eucarística: «A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós» (2 Cor 13, 13)<sup>58</sup>.
- 813** *A Igreja é una, graças à sua fonte:* «O supremo modelo e princípio deste mistério é a unidade na Trindade das pessoas, dum só Deus, Pai e Filho no Espírito Santo»<sup>59</sup>. *A Igreja é una graças ao seu fundador:* «O próprio Filho encarnado reconciliou todos os homens com Deus pela sua Cruz, restabelecendo a unidade de todos num só povo e num só Corpo»<sup>60</sup>. *A Igreja é una graças à sua «alma»:* «O Espírito Santo que habita nos crentes e que enche e rege toda a Igreja, realiza esta admirável comunhão dos fiéis e une-os todos tão intimamente em Cristo que é o princípio da unidade da Igreja»<sup>61</sup>. Pertence, pois, à própria essência da Igreja que ela seja una:  
 «Que admirável mistério! Há um só Pai do universo, um só Logos do universo e também um só Espírito Santo, idêntico em toda a parte; e há também uma só Mãe Virgem, à qual me apraz chamar Igreja»<sup>62</sup>.
- 950** *A comunhão nos sacramentos.* «O fruto de todos os sacramentos pertence a todos. Os sacramentos, e sobretudo o Baptismo, que é como que a porta por onde os homens entram na Igreja, são outros tantos vínculos sagrados que os unem todos e os ligam a Jesus Cristo. A comunhão dos santos é a comunhão dos sacramentos [...];o nome de comunhão pode aplicar-se a cada um deles, porque cada um deles nos une a Deus [...]. Mas este nome convém mais à Eucaristia do que a qualquer outro, porque é principalmente ela que consuma esta comunhão»<sup>63</sup>.
- 1077** «Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, nos céus, nos encheu de toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que, n'Ele, nos escolheu antes da criação do mundo, para sermos, na caridade, santos e irrepreensíveis na sua presença. Destinou-nos de antemão a que nos tornássemos seus filhos adoptivos por Jesus Cristo. Assim aprovou à sua vontade, para que fosse enaltecida a glória da sua graça, com a qual nos favoreceu em seu Filho muito amado» (Ef 1, 3-6).
- 1078** Abençoar é uma acção divina que dá a vida e de que o Pai é a fonte. A sua bênção é, ao mesmo tempo, palavra e dom («bene-dictio», «eu-logia»). Aplicada ao homem, tal palavra significará a adoração e a entrega ao seu Criador, em acção de graças.

<sup>58</sup> Cf. 1 Cor 12, 4-6; Ef 4, 4-6.

<sup>59</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Unitatis redintegratio*, 2: AAS 57 (1965) 92.

<sup>60</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 78: AAS 58 (1966) 1101.

<sup>61</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Unitatis redintegratio*, 2: AAS 57 (1965) 91.

<sup>62</sup> CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Paedagogus* 1, 6, 42: GCS 12, 115 (PG 8, 300).

<sup>63</sup> CatRom 1, 10, 24, p. 119.



- 1079** Desde o princípio até à consumação dos tempos, toda a obra de Deus é *bênção*. Desde o poema litúrgico da primeira criação até aos cânticos da Jerusalém celeste, os autores inspirados anunciam o desígnio da salvação como uma imensa bênção divina.
- 1080** Desde o princípio, Deus abençoa os seres vivos, especialmente o homem e a mulher. A aliança com Noé e todos os seres animados renova esta bênção de fecundidade, apesar do pecado do homem, pelo qual a terra fica «maldita». Mas é a partir de Abraão que a bênção divina penetra na história dos homens, que caminhava em direcção à morte, para a fazer regressar à vida, à sua fonte: pela fé do «pai dos crentes» que acolhe a bênção, é inaugurada a história da salvação.
- 1081** As bênções divinas manifestam-se em acontecimentos maravilhosos e salvíficos: o nascimento de Isaac, a saída do Egipto (Páscoa e Êxodo), o dom da terra prometida, a eleição de David, a presença de Deus no templo, o exílio purificador e o regresso do «pequeno resto». A Lei, os Profetas e os Salmos, que entretencem a liturgia do povo eleito, se por um lado recordam essas bênções divinas, por outro respondem-lhes com as bênções de louvor e acção de graças.
- 1082** Na liturgia da Igreja, a bênção divina é plenamente revelada e comunicada: o Pai é reconhecido e adorado como a Fonte e o Fim de todas as bênções da criação e da salvação; no seu Verbo – encarnado, morto e ressuscitado por nós –, Ele cumula-nos das suas bênções e, por Ele, derrama nos nossos corações o Dom que encerra todos os dons: o Espírito Santo.
- 1083** Compreende-se então a dupla dimensão da liturgia cristã, como resposta de fé e de amor às «bênções espirituais» com que o Pai nos gratifica. Por um lado, a Igreja, unida ao seu Senhor e «sob a acção do Espírito Santo»<sup>64</sup>, bendiz o Pai «pelo seu Dom inefável» (2 *Cor* 9, 15), mediante a adoração, o louvor e a acção de graças. Por outro lado, e até à consumação do desígnio de Deus, a Igreja não cessa de oferecer ao Pai «a oblação dos seus próprios dons» e de Lhe implorar que envie o Espírito Santo sobre esta oblação, sobre si própria, sobre os fiéis e sobre o mundo inteiro, a fim de que, pela comunhão na morte e ressurreição de Cristo-Sacerdote e pelo poder do Espírito, estas bênções divinas produzam frutos de vida, «para que seja enaltecida a glória da sua graça» (*Ef* 1, 6).
- 1084** «Sentado à direita do Pai» e derramando o Espírito Santo sobre o seu corpo que é a Igreja, Cristo age agora pelos sacramentos, que instituiu para comunicar a sua graça. Os sacramentos são sinais sensíveis (palavras e acções), acessíveis à nossa humanidade actual. Realizam eficazmente a graça que significam, em virtude da acção de Cristo e pelo poder do Espírito Santo.
- 1085** Na liturgia da Igreja, Cristo significa e realiza principalmente o seu mistério pascal. Durante a sua vida terrena, Jesus anunciava pelo seu ensino e antecipava pelos seus actos o seu mistério pascal. Uma vez chegada a sua «Hora»<sup>65</sup>, Jesus vive o único acontecimento da história que não passa jamais: morre, é sepultado,

<sup>64</sup> Cf. *Lc* 10, 21.

<sup>65</sup> Cf. *Jo* 13, 1; 17, 1.

ressuscita de entre os mortos e senta-Se à direita do Pai «uma vez por todas» (*Rm* 6, 10; *Heb* 7, 27; 9, 12). É um acontecimento real, ocorrido na nossa história, mas único; todos os outros acontecimentos da história acontecem uma vez e passam, absorvidos no passado. Pelo contrário, o mistério pascal de Cristo não pode ficar somente no passado, já que, pela sua morte, Ele destruiu a morte; e tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente. O acontecimento da cruz e da ressurreição *permanece* e atrai tudo para a vida.

- 1086** «Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda a criatura, anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertara do poder de Satanás e da morte e nos introduzira no Reino do Pai, mas também para que realizassem a obra da salvação que anunciavam, mediante o Sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica»<sup>66</sup>.
- 1087** Deste modo, Cristo ressuscitado, ao dar o Espírito Santo aos Apóstolos, confia-lhes o seu poder de santificação:<sup>67</sup> eles tornam-se sinais sacramentais de Cristo. Pelo poder do mesmo Espírito Santo, eles confiam este poder aos seus sucessores. Esta «sucessão apostólica» estrutura toda a vida litúrgica da Igreja; ela própria é sacramental, transmitida pelo sacramento da Ordem.
- 1088** «Para realizar tão grande obra» – como é a dispensação ou comunicação da sua obra de salvação – «Cristo está sempre presente na sua Igreja, sobretudo nas acções litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro – “o que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu outrora na Cruz” – quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com a sua virtude nos sacramentos, de modo que, quando alguém baptiza, é o próprio Cristo que baptiza. Está presente na sua Palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta os salmos, Ele que prometeu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estou Eu, no meio deles” (*Mt* 18, 20)»<sup>68</sup>.
- 1089** «Em tão grande obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens santificados, Cristo associa sempre a Si a Igreja, sua amadíssima esposa, a qual invoca o seu Senhor e por meio d’Ele rende culto ao eterno Pai»<sup>69</sup>.
- 1090** «Na liturgia da terra, participamos, saboreando-a de antemão, na liturgia celeste, celebrada na cidade santa de Jerusalém, para a qual nos dirigimos como peregrinos e onde Cristo está sentado à direita de Deus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo; com todo o exército da milícia celestial, cantamos ao Senhor um hino de glória; venerando a memória dos santos, esperamos ter alguma parte e comunhão com eles; e aguardamos o Salvador,

<sup>66</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 6: AAS 56 (1964) 100.

<sup>67</sup> Cf. *Jó* 20, 21-23.

<sup>68</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 7: AAS 56 (1964) 100-101.

<sup>69</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 7: AAS 56 (1964) 101.

nosso Senhor Jesus Cristo, até que Ele apareça como nossa vida e também nós apareçamos com Ele na glória»<sup>70</sup>.

- 1091** Na liturgia, o Espírito Santo é o pedagogo da fé do povo de Deus, o artífice das «obras-primas de Deus» que são os sacramentos da Nova Aliança. O desejo e a obra do Espírito no coração da Igreja é que nós vivamos da vida de Cristo ressuscitado. Quando Ele encontra em nós a resposta da fé que suscitou, realiza-se uma verdadeira cooperação. E, por ela, a liturgia torna-se a obra comum do Espírito Santo e da Igreja.
- 1092** Nesta dispensação sacramental do mistério de Cristo, o Espírito Santo age do mesmo modo que nos outros tempos da economia da salvação: prepara a Igreja para o encontro com o seu Senhor; lembra e manifesta Cristo à fé da assembleia; torna presente e actualiza o mistério de Cristo pelo seu poder transformante; e finalmente, enquanto Espírito de comunhão, une a Igreja à vida e à missão de Cristo.
- 1093** O Espírito Santo realiza, na economia sacramental, as figuras da *Antiga Aliança*. Uma vez que a Igreja de Cristo estava «admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na Antiga Aliança»<sup>71</sup>, a liturgia da Igreja conserva, como parte integrante e insubstituível, fazendo-os seus, elementos do culto dessa Antiga Aliança:
- principalmente a leitura do Antigo Testamento;
  - a oração dos Salmos;
  - e sobretudo, o memorial dos acontecimentos salvíficos e das realidades significativas, que encontraram o seu cumprimento no mistério de Cristo (a Promessa e a Aliança, o Êxodo e a Páscoa, o Reino e o Templo, o Exílio e o regresso).
- 1094** É com base nesta harmonia dos dois Testamentos<sup>72</sup> que se articula a catequese pascal do Senhor<sup>73</sup> e, depois, a dos Apóstolos e dos Padres da Igreja. Esta catequese desvenda o que estava oculto sob a letra do Antigo Testamento: o mistério de Cristo. É chamada «tipológica», porque revela a novidade de Cristo a partir das «figuras» (*tipos*) que a anunciavam nos factos, palavras e símbolos da primeira Aliança. Por esta releitura no Espírito de verdade a partir de Cristo, as figuras são desvendadas<sup>74</sup>. Assim, o dilúvio e a arca de Noé prefiguravam a salvação pelo Baptismo<sup>75</sup>, tal como a nuvem, a travessia do Mar Vermelho e a água do rochedo eram figura dos dons espirituais de Cristo<sup>76</sup>; e o maná do deserto prefigurava a Eucaristia, «o verdadeiro Pão do céu» (*Jo* 6, 48).
- 1095** É por isso que a Igreja, especialmente por ocasião dos tempos do Advento, da Quaresma e sobretudo na noite da Páscoa, relê e revive todos estes grandes

<sup>70</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 8: AAS 56 (1964) 101; cf. Id., Const. dogm. *Lumen Gentium*, 50: AAS 57 (1965) 55-57.

<sup>71</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 2: AAS 57 (1965) 6.

<sup>72</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 14-16: AAS 58 (1966) 824-625.

<sup>73</sup> Cf. *Lc* 24, 13-49.

<sup>74</sup> Cf. *2 Cor* 3, 14-16.

<sup>75</sup> Cf. *1 Pe* 3, 21.

<sup>76</sup> Cf. *1 Cor* 10, 1-6.

acontecimentos da história da salvação no «hoje» da sua liturgia. Isso, porém, exige igualmente que a catequese ajude os fiéis a abrirem-se a esta inteligência «espiritual» da economia da salvação, tal como a liturgia da Igreja a manifesta e no-la faz viver.

- 1096** *Liturgia judaica e liturgia cristã.* Um melhor conhecimento da fé e da vida religiosa do povo judeu, tal como ainda agora são professadas e vividas, pode ajudar a compreender melhor certos aspectos da liturgia cristã. Para os judeus, tal como para os cristãos, a Sagrada Escritura é uma parte essencial das suas liturgias: para a proclamação da Palavra de Deus, a resposta a esta Palavra, a oração de louvor e de intercessão por vivos e mortos, o recurso à misericórdia divina. A liturgia da Palavra, na sua estrutura própria, encontra a sua origem na oração judaica. A Oração das Horas e outros textos e formulários litúrgicos têm nela os seus paralelos, assim como as próprias fórmulas das nossas orações mais veneráveis, como o Pai Nosso. As orações eucarísticas inspiram-se também em modelos de tradição judaica. A relação entre a liturgia judaica e a liturgia cristã, como igualmente a diferença dos respectivos conteúdos, são particularmente visíveis nas grandes festas do ano litúrgico, como a Páscoa. Tanto os cristãos como os judeus celebram a Páscoa: a Páscoa da história, virada para o futuro, entre os judeus; a Páscoa consumada na morte e ressurreição de Cristo, entre os cristãos – embora sempre na esperança da sua consumação definitiva.
- 1097** Na *liturgia da Nova Aliança*, toda a acção litúrgica, especialmente a celebração da Eucaristia e dos sacramentos, é um encontro entre Cristo e a Igreja. A assembleia litúrgica recebe a sua unidade da «comunhão do Espírito Santo», que reúne os filhos de Deus no único corpo de Cristo. Ultrapassa todas as afinidades humanas, raciais, culturais e sociais.
- 1098** A assembleia deve *preparar-se* para o encontro com o seu Senhor, ser «um povo bem disposto»<sup>77</sup>. Esta preparação dos corações é obra comum do Espírito Santo e da assembleia, particularmente dos seus ministros. A graça do Espírito Santo procura despertar a fé, a conversão do coração e a adesão à vontade do Pai. Estas disposições pressupõem-se para receber outras graças oferecidas na própria celebração, e para os frutos de vida nova que ela é destinada a produzir em seguida.
- 1099** O Espírito e a Igreja cooperam para manifestar Cristo e a sua obra de salvação na liturgia. Principalmente na Eucaristia, e analogicamente nos outros sacramentos, a liturgia é o *memorial* do mistério da salvação. O Espírito Santo é a memória viva da Igreja<sup>78</sup>.
- 1100** *A Palavra de Deus.* O Espírito Santo lembra à assembleia litúrgica, em primeiro lugar, o sentido do acontecimento salvífico, dando vida à Palavra de Deus, que é anunciada para ser recebida e vivida:

«É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da liturgia. Porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o

<sup>77</sup> Cf. Lc 1, 17.

<sup>78</sup> Cf. Jo 14, 26.

seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as acções e os sinais»<sup>79</sup>.

- 1101** É o Espírito Santo que dá aos leitores e ouvintes, segundo a disposição dos seus corações, a inteligência espiritual da Palavra de Deus. Através das palavras, acções e símbolos, que formam a trama duma celebração, o Espírito Santo põe os fiéis e os ministros em relação viva com Cristo, Palavra e Imagem do Pai, de modo a poderem fazer passar para a sua vida o sentido daquilo que ouvem, vêem e fazem na celebração.
- 1102** «É pela Palavra da salvação que a fé é alimentada no coração dos fiéis; e é mercê da fé que tem início e se desenvolve a reunião dos fiéis»<sup>80</sup>. O anúncio da Palavra de Deus não se fica por um ensinamento: faz apelo à *resposta da fé*, enquanto assentimento e compromisso, em vista da aliança entre Deus e o seu povo. É ainda o Espírito Santo quem dá a graça da fé, a fortifica e a faz crescer na comunidade. A assembleia litúrgica é, antes de mais, comunhão na fé.
- 1103** A *anamnese*. A celebração litúrgica refere-se sempre às intervenções salvíficas de Deus na história. «A economia da revelação realiza-se por meio de acções e palavras intimamente relacionadas entre si [...]; as palavras [...] declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido»<sup>81</sup>. Na liturgia da Palavra, o Espírito Santo «lembra» à assembleia tudo quanto Cristo fez por nós. Segundo a natureza das acções litúrgicas e as tradições rituais das Igrejas, uma celebração «faz memória» das maravilhas de Deus numa anamnese mais ou menos desenvolvida. O Espírito Santo, que assim desperta a memória da Igreja, suscita então a acção de graças e o louvor (*doxologia*).
- 1104** A liturgia cristã não se limita a recordar os acontecimentos que nos salvaram: actualiza-os, torna-os presentes. O mistério pascal de Cristo celebra-se, não se repete; as celebrações é que se repetem. Mas em cada uma delas sobrevém a efusão do Espírito Santo, que actualiza o único mistério.
- 1105** A *epiclese* («invocação sobre») é a intercessão mediante a qual o sacerdote suplica ao Pai que envie o Espírito santificador para que as oferendas se tornem o corpo e o sangue de Cristo e para que, recebendo-as, os fiéis se tornem eles próprios uma oferenda viva para Deus.
- 1106** Juntamente com a anamnese, a epiclese é o coração de qualquer celebração sacramental, e mais particularmente da Eucaristia:
- «Tu perguntas como é que o pão se torna corpo de Cristo, e o vinho [...] sangue de Cristo? Por mim, digo-te: o Espírito Santo irrompe e realiza isso que ultrapassa toda a palavra e todo o pensamento. [...] Baste-te ouvir que é pelo Espírito Santo, do mesmo modo que é da Santíssima Virgem e pelo Espírito Santo que o Senhor, por Si mesmo e em Si mesmo, assumiu a carne»<sup>82</sup>.

<sup>79</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 24: AAS 56 (1964) 106-107.

<sup>80</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 4: AAS 58 (1966) 996.

<sup>81</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 2: AAS 58 (1966) 818.

<sup>82</sup> SÃO JOÃO DAMASCENO, *Expositio fidei*, 86 [*De fide orthodoxa*, 4, 13]: PTS 12, 194-195 (PG 94, 1141.1145).

- 1107** O poder transformante do Espírito Santo na liturgia apressa a vinda do Reino e a consumação do mistério da salvação. Na expectativa e na esperança, Ele faz-nos realmente antecipar a comunhão plena da Santíssima Trindade. Enviado pelo Pai, que atende a epiclese da Igreja, o Espírito dá a vida aos que O acolhem e constitui para eles, desde já, as «arras» da sua herança<sup>83</sup>.
- 1108** A finalidade da missão do Espírito Santo em toda a acção litúrgica é pôr-nos em comunhão com Cristo, para formarmos o seu corpo. O Espírito Santo é como que a seiva da Videira do Pai, que dá fruto nos sarmentos<sup>84</sup>. Na liturgia, realiza-se a mais íntima cooperação do Espírito Santo com a Igreja. Ele, Espírito de comunhão, permanece indefectivelmente na Igreja, e é por isso que a Igreja é o grande sacramento da comunhão divina que reúne os filhos de Deus dispersos. O fruto do Espírito na liturgia é, inseparavelmente, comunhão com a Santíssima Trindade e comunhão fraterna<sup>85</sup>.
- 1109** A epiclese é também oração pelo pleno efeito da comunhão da assembleia no mistério de Cristo. «A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo» (2 *Cor* 13, 13) devem estar sempre connosco e dar frutos, para além da celebração eucarística. Por isso, a Igreja pede ao Pai que envie o Espírito Santo, para que faça da vida dos fiéis uma oferenda viva para Deus pela transformação espiritual à imagem de Cristo, pela preocupação com a unidade da Igreja e pela participação na sua missão, mediante o testemunho e o serviço da caridade.
- 2845** Não há limite nem medida para este perdão essencialmente divino<sup>86</sup>. Quando se trata de ofensas (de «pecados», segundo *Lc* 11, 4, ou de «dívidas» segundo *Mt* 6, 12), de facto nós somos sempre devedores: «Não devais a ninguém coisa alguma, a não ser o amor de uns para com os outros» (*Rm* 13, 8)). A comunhão da Santíssima Trindade é a fonte e o critério da verdade de toda a relação<sup>87</sup>. E é vivida na oração, sobretudo na Eucaristia<sup>88</sup>:
- «Deus não aceita o sacrifício do dissidente e manda-o retirar-se do altar e reconciliar-se primeiro com o irmão: só com orações pacíficas se podem fazer as pazes com Deus. O maior sacrifício para Deus é a nossa paz, a concórdia fraterna e um povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo»<sup>89</sup>.

#### **CIC 2655, 2664-2672: a Trindade e a oração**

- 2655** A missão de Cristo e do Espírito Santo que, na liturgia sacramental da Igreja anuncia, actualiza e comunica o mistério da salvação, prossegue no coração de quem ora. Os Padres espirituais comparam, por vezes, o coração a um altar. A oração interioriza e assimila a liturgia, durante e depois da sua celebração.

<sup>83</sup> Cf. *Ef* 1, 14; 2 *Cor* 1, 22.

<sup>84</sup> Cf. *Jo* 15, 1-17; *Gl* 5, 22.

<sup>85</sup> Cf. *1 Jo* 1, 3-7.

<sup>86</sup> Cf. *Mt* 18, 21-22; *Lc* 17, 3-4.

<sup>87</sup> Cf. *1 Jo* 3, 19-24.

<sup>88</sup> Cf. *Mt* 5, 23-24.

<sup>89</sup> SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 23: CCL 3A, 105 (PL 4, 535-536).

Mesmo quando vivida «no segredo» (*Mt 6, 6*), a oração é sempre oração *da Igreja*; é comunhão com a Santíssima Trindade<sup>90</sup>.

**2664** Não há outro caminho para a oração cristã senão Cristo. Seja comunitária ou pessoal, seja vocal ou interior, a nossa oração só tem acesso ao Pai se rezarmos «em nome» de Jesus. A santa humanidade de Jesus é, pois, o caminho pelo qual o Espírito Santo nos ensina a orar a Deus nosso Pai.

**2665** A oração da Igreja, alimentada pela Palavra de Deus e pela celebração da liturgia, ensina-nos a orar ao Senhor Jesus. Mesmo sendo dirigida sobretudo ao Pai, ela inclui, em todas as tradições litúrgicas, formas de oração dirigidas a Cristo. Certos salmos, segundo a sua actualização na oração da Igreja, e o Novo Testamento, colocam nos nossos lábios e gravam nos nossos corações as invocações desta oração a Cristo: Filho de Deus, Verbo de Deus, Senhor, Salvador, Cordeiro de Deus, Rei, Filho muito amado, Filho da Virgem, Bom Pastor, nossa Vida, nossa Luz, nossa Esperança, nossa Ressurreição, Amigo dos homens...

**2666** Mas o nome que tudo encerra é o que o Filho de Deus recebe na sua encarnação: JESUS. O nome divino é indizível para lábios humanos<sup>91</sup>; mas, ao assumir a nossa humanidade, o Verbo de Deus comunica-no-lo e nós podemos invocá-lo: «Jesus», «YHWH salva»<sup>92</sup>. O nome de Jesus contém tudo: Deus e o homem e toda a economia da criação e da salvação. Rezar «Jesus» é invocá-Lo, chamá-Lo a nós. O seu nome é o único que contém a presença que significa. Jesus é o Ressuscitado, e todo aquele que invocar o seu nome, acolhe o Filho de Deus que o amou e por ele Se entregou<sup>93</sup>.

**2667** Esta invocação de fé tão simples foi desenvolvida na tradição da oração sob as mais variadas formas, tanto no Oriente como no Ocidente. A formulação mais habitual, transmitida pelos espirituais do Sinai, da Síria e de Athos, é a invocação: «Jesus, Cristo, Filho de Deus, Senhor, tende piedade de nós, pecadores!». Ela conjuga o hino cristológico de *Fl 2, 6-11* com a invocação do publicano e dos mendigos da luz<sup>94</sup>. Por ela, o coração sintoniza com a miséria dos homens e com a misericórdia do seu Salvador.

**2668** A invocação do santo Nome de Jesus é o caminho mais simples da oração contínua. Muitas vezes repetida por um coração humildemente atento, não se dispersa num «mar de palavras» (*Mt 6, 7*), mas «guarda a Palavra e produz fruto pela constância»<sup>95</sup>. E é possível «em todo o tempo», porque não constitui uma ocupação a par de outra, mas é a ocupação única, a de amar a Deus, que anima e transfigura toda a acção em Cristo Jesus.

<sup>90</sup> *Instrução geral da Liturgia das Horas, 9: Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 25 [*Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 27].

<sup>91</sup> Cf. *Ex 3, 14; 33, 19-23*.

<sup>92</sup> Cf. *Mt 1, 21*.

<sup>93</sup> Cf. *Rm 10, 13; Act 2, 21; 3, 15-16; Gl 2, 20*.

<sup>94</sup> Cf. *Lc 18, 13; Mc 10, 46-52*.

<sup>95</sup> Cf. *Lc 8, 15*.

**2669** A oração da Igreja venera e honra o *Coração de Jesus*, tal como invoca o seu santíssimo Nome. Adora o Verbo encarnado e o seu Coração que, por amor dos homens, Se deixou trespassar pelos nossos pecados. A oração cristã gosta de percorrer o *caminho da cruz* (Via-Sacra) no seguimento do Salvador. As estações, do Pretório ao Gólgota e ao túmulo, assinalam o caminho de Jesus que, pela sua santa cruz, remiu o mundo.

**2670** «Ninguém pode dizer “Jesus é o Senhor”, a não ser pela acção do Espírito Santo» (1 Cor 12, 3). Todas as vezes que começamos a orar a Jesus, é o Espírito Santo que, pela sua graça preveniente, nos atrai para o caminho da oração. Uma vez que Ele nos ensina a orar lembrando-nos Cristo, como orar-Lhe a Ele próprio? A Igreja convida-nos, pois, a implorar cada dia o Espírito Santo, especialmente no princípio e no fim de qualquer acto importante.

«Se o Espírito Santo não deve ser adorado, como é que Ele me diviniza pelo Baptismo? E se deve ser adorado, não há-de ser objecto dum culto particular?»<sup>96</sup>.

**2671** A forma tradicional de pedir o Espírito é invocar o Pai, por Cristo, nosso Senhor, para que nos dê o Espírito Consolador<sup>97</sup>. Jesus insiste nesta petição em seu nome no próprio momento em que promete o dom do Espírito de verdade<sup>98</sup>. Mas também é tradicional a oração mais simples e mais directa: «Vinde, Espírito Santo». Cada tradição litúrgica a desenvolveu em antífonas e hinos:

«Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos Vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor»<sup>99</sup>.

«Rei celeste, Espírito consolador, Espírito da verdade, presente em toda a parte e tudo enchendo, tesouro de todo o bem e fonte da vida, vem, habita em nós, purifica-nos e salva-nos, Tu que és Bom!»<sup>100</sup>.

**2672** O Espírito Santo, cuja unção impregna todo o nosso ser, é o mestre interior da oração cristã. É o artífice da tradição viva da oração. Há, é certo, tantos caminhos na oração como orantes; mas é o mesmo Espírito que age em todos e com todos. É na comunhão do Espírito Santo que a oração cristã é oração na Igreja.

## **CIC 2205: a família, imagem da Trindade**

**2205** A família cristã é uma comunhão de pessoas, vestígio e imagem da comunhão do Pai e do Filho, no Espírito Santo. A sua actividade procriadora e educativa é o reflexo da obra criadora do Pai. É chamada a partilhar da oração e do sacrifício de Cristo. A oração quotidiana e a leitura da Palavra de Deus fortalecem nela a caridade. A família cristã é evangelizadora e missionária.

<sup>96</sup> SÃO GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Oratio* 31 (theologica 5), 28: SC 250, 332 (PG 36, 165).

<sup>97</sup> Cf. *Lc* 11, 13.

<sup>98</sup> Cf. *Jo* 14, 17; 15, 26; 16, 13.

<sup>99</sup> *Solenidade de Pentecostes*, Antífona do «Magnificat» nas I Vésperas: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 2 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 798 [*Liturgia das Horas*, v. 2 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 930]; cf. *Solenidade de Pentecostes*, Sequência na Missa do dia: *Lectionarium*, v. 1, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970) p. 855-856 [*Leccionário Dominical. Ano A* (Coimbra, Gráfica de Coimbra – Conferência Episcopal Portuguesa, 1993) p. 238].

<sup>100</sup> *Ofício das Horas Bizantino, Vésperas no dia de Pentecostes*, *Sticherum 4: Pentêkostáron* (Rome 1884) p. 394.